

## Carta sobre Escrita – 29

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Já o dissemos aqui mais que uma vez: ninguém, seja europeu, asiático ou africano, deve ser obrigado a escrever seja sobre o que for. Mas isso não impede de prestarmos atenção a tesouros que temos “ao pé da porta”.

Há uma lenda transversal a muitas culturas que fala de alguém que sonhou com um tesouro e partiu à procura dele. Viveu uma aventura cheia de trabalhos e dores, mas infrutífera. Aquele que partiu esperançoso regressa a casa derrotado. Mas é aí, no regresso a casa, que ele encontra o tesouro com que havia sonhado.

Um jovem autor africano tem “em casa”, isto é, na sua cultura de origem, um tesouro que pode dar vida à sua escrita. São tradições, costumes, hábitos, formas de vida... que constituem o património da sua cultura, isto é, de sua comunidade de origem. Por ser específica, é mais ou menos estranha às outras. Logo, é matéria humana que tem todo o interesse em ser partilhada.

Há, no entanto, um problema, que dificulta esse trabalho: os elementos de uma cultura tendem a não ser percebidos como algo de valor. São tão quotidianos, tão normais e comuns, que parecem não ter qualquer interesse. Aliás, tendem a tornar-se invisíveis aos membros dessa comunidade – exceto quando são violados.

E, no entanto, são sempre expressão da criatividade humana na sua busca por formas de vida nos múltiplos ambientes do nosso planeta. São, por isso, património da nossa humanidade comum. Escrever a partir da nossa tradição, dá-la a conhecer, presta três serviços: dá aos outros povos acesso às riquezas da nossa cultura; permite à nossa cultura afirmar-se no contexto da enorme variedade das culturas humanas; e ainda, terceiro serviço, permite a cada uma das culturas sair de si própria e reconhecer-se face às outras. Este é um trabalho da maior importância.

Muita da divulgação das culturas africanas foi feita com um foco no seu carácter “exótico” se não mesmo “inferior”, através de um olhar de fora e por vezes pouco e mal informado. Está, em boa medida, por fazer o trabalho de dar-se a conhecer da cultura africana por aqueles que melhor a conhecem, de um modo vivido, embora por vezes pouco refletido. Se está por fazer, então espera por quem o faça. Seja de um modo descritivo, seja contando episódios recolhidos na vida local, seja através da criação de ficção embebida da vida de uma comunidade africana. Para terminar, deixo, a título de exemplo, uma narrativa que me chegou às mãos e que vai no sentido acima dito. Uma pessoa, hoje com uma vida já longa, mas quase sem estudos, conta um episódio da sua infância numa aldeia do interior de Portugal. Este texto revela-nos um mundo que os mais novos têm hoje dificuldade em imaginar, daí a importância de dá-lo a conhecer. As histórias deste género são de uma enorme riqueza para nos mostrarem que o mundo nem sempre foi como o vemos hoje. Ouçamos.

## ***A boneca de papelão***

*Numa pequena aldeia da Beira Baixa [Portugal] onde não havia electricidade, água ao domicílio, nem brinquedos, havia crianças felizes que brincavam na rua durante todo o dia.*

*Uma noite de Natal o Menino Jesus desceu pela chaminé e deixou no sapatinho de uma menina uma linda boneca de cartão.*

*Milagre! Nunca tinha acontecido nada assim entre a criançada da aldeia, onde as mais favorecidas apenas recebiam umas bolachas e alguns rebuçados.*

*Dia de Natal era a festa do Menino Jesus, iam à missa para ver o presépio com o menino, a vaquinha, o burro e todas aquelas figuras eram autênticas obras de arte. Por fim o senhor padre pegava na figura do menino Jesus para todos beijarem, era o ponto alto da festa. Só que desta vez a atenção da criançada estava mais voltada para a boneca de cartão do que para o menino Jesus.*

*Nos dias que se seguiram, quase todos brincaram com a nova boneca mas sempre sob o controlo da sua proprietária que ia demonstrado algum egoísmo, o que não era muito bonito segundo opinião de sua mãe.*

*Depois da brincadeira a boneca ficava deitadinha no quintal numa cama de palha para o dia seguinte.*

*Numa noite invernosa de chuva abundante e trovoada sucedeu o pior, de manhã no lugar da boneca estava apenas um monte de pasta de papel com os elásticos e os arames que seguravam as pernas e os braços da infortunada boneca.*

*Ainda hoje quase que consigo sentir aquela dor. Perdi o meu primeiro brinquedo, e fui atormentada durante algum tempo por aqueles que não pegaram na boneca tanto quanto desejaram. Foi castigo do Menino Jesus, e [eu] podia ainda acabar numa arca cheia de bichos, era o que acontecia a quem se portava mal.*

*Nota: Só anos mais tarde soube que a boneca havia sido oferecida pela [empresa] CUF às filhas de todos os funcionários.*

*Isolete Matos*

Obrigado à autora, uma pessoa sem projeto de escrita mas que se dispôs a contar de si, por nos permitir entrar no mundo da sua infância. Sim, a vida nem sempre foi como é hoje. Neste texto, estamos perante alguém que fala aos seus sobre um tempo já passado. Um curto episódio dá-nos a conhecer como era aquele pequeno mundo. Mas o que acima defendo diz respeito aos aspetos particulares de uma cultura africana a serem apresentados a pessoas de outros povos. Conhecer outra tradição é abrir os olhos para o mundo mais vasto das múltiplas formas do humano.

Fico a pensar quantas pequenas estórias africanas eu gostaria de conhecer para ter melhor acesso às culturas de um continente tão rico mas que quase todos conhecemos mal.

Maio de 2024

José A. Jana